

A ACADEMIA

Robert Muchamore

Tradução de
Alexandra Guimarães

 Porto
Editora

1. Gordura proibida

Julho de 2014

Camden, norte de Londres

Às sextas-feiras, o restaurante fechava à 1h30. Ao nascer do dia, o óleo das fritadeiras estava coberto por uma camada branca, mas permanecia ainda suficientemente quente para que Jay Thomas conseguisse sentir o seu calor ao estender a palma da mão por cima.

Quando era mais pequeno, Jay ficava fascinado com a forma como o óleo borbulhante se transformava numa espessa camada de gordura branca depois de arrefecido, e gostava de passar o dedo pela crosta morna para depois tentar apagar as provas do delito de forma pouco convincente. O óleo por baixo da gordura solidificada continuava quente e Jay já tinha sido repreendido várias vezes por se aproximar demasiado da fritadeira.

Estava distraído nas suas recordações quando um estrondo vindo do andar de cima fez com que regressasse à realidade. Jay vivia com a mãe, o padrasto e os seus seis irmãos no apartamento por cima do restaurante. Era raro haver silêncio naquela casa, mas aprendera a bloquear os barulhos do dia a dia, como os irmãos mais novos a correrem por todo o lado ou os insultos

que o seu irmão Kai dirigia constantemente ao televisor enquanto jogava *FIFA 14*.

Mas o estardalhaço de uma caixa cheia de projetores a cair no meio do chão não era propriamente um barulho familiar, e muito menos a gritaria que se seguiu.

– Leva primeiro os cabos, Damien! – gritou um operador de câmara. – Assim posso começar a ligar tudo enquanto carregas o resto do material.

Jay ouviu Damien, um assistente de vinte e poucos anos, resmungar antes de descer apressadamente as escadas e sair pela porta das traseiras para uma das três carrinhas que a equipa de televisão estacionara no pátio das traseiras do restaurante. Jay viu Damien de relance a trocar umas palavras com outra assistente, uma rapariga bonita chamada Lorrie.

– Já te disse que não há cabos nesta carrinha...

– Então, se não estão aqui, devemos tê-los deixado na Pro-Media, quando fomos buscar o material...

– O John vai passar-se...

Enquanto Damien subia as escadas para dar a má notícia ao chefe, Jay sentiu um aperto no estômago. O coração parecia querer saltar-lhe pela boca. Quase não dormira e a mãe dera-lhe *Imodium* para lhe acalmar as dores de barriga.

Ter sido escolhido para o *Rock War* era a coisa mais emocionante que alguma vez lhe acontecera, mas, naquele momento, sentia falta da vida pacata de antes, quando brincava com os camiões da Lego por entre as pernas das mesas do restaurante e ficava com os joelhos cheios de sal.

– És tu o Jay? – gritou uma mulher.

Jay viu-a a espreitar pela frincha da caixa do correio, a meio das grades de segurança do restaurante.

– Será que podemos ter um bocadinho de silêncio no set, por *favooooor*? – bradou alguém de uma janela do último andar.

– Estamos a tentar gravar uma entrevista!

Em vez de gritar à mulher, Jay fez-lhe sinal para que desse a volta ao prédio, e saiu pela porta de trás para o ar quente do sol da manhã. Era hora de ponta de sexta-feira, e um camião cheio de entulho passou a ribombar na estrada em frente. Assim que chegou junto dele, a mulher estendeu-lhe uma mão esguia com um pulso carregado de pulseiras fluorescentes.

– Sou a Angie, realizadora da equipa de filmagem B. Tens 10 minutos para uma entrevista?

Jay passou a mão pelo cabelo despenteado e encolheu os ombros.

– Acabei de acordar e ainda estou de pijama.

– Não há problema – disse Angie com um nítido sotaque australiano. – O visual acabado-de-sair-da-cama é precisamente o que procuramos para este segmento. É o primeiro dia das férias de verão. Estás prestes a ir para a Academia do *Rock War*. Estás entusiasmado e ligeiramente intimidado, que é exatamente aquilo que queremos captar.

Jay gostou de ouvir que *supostamente* deveria estar entusiasmado e intimidado. Apesar de não ter propriamente concordado com a entrevista, Angie encaminhou-o pelo braço para o bar que ficava mesmo ao lado do restaurante. O *White Horse* e o restaurante adjacente pertenciam à família de Jay há mais de 50 anos. Era a tia Rachel quem geria o bar. Vivia por cima

do estabelecimento com as quatro filhas, uma neta e mais uns penduras. Enquanto seguia Angie pelas portas de vaivém do *White Horse*, Jay ficou surpreendido por ver as janelas tapadas com lonas pretas. Havia câmaras e projetores preparados para as entrevistas, com o jogo de setas como pano de fundo.

– Apanhei um na porta ao lado – disse Angie à equipa com um sorriso triunfante, puxando Jay por um braço.

A equipa era composta por uma operadora de câmara, um técnico de som e um assistente, para além de Angie, a realizadora. Erin, a prima de Jay, estava sentada no bar com uns calções de ganga justos e um colete verde. Erin tinha um corpo atlético e bronzeado, e Jay sentiu-se desadequado. Só usava calções para dormir, uma vez que se considerava demasiadamente magro, e não suportava a ideia de aparecer na televisão com as pernas à mostra.

– Achas que tenho tempo para vestir umas calças de ganga? – perguntou Jay assim que o assistente apareceu com um estojo de maquilhagem e começou a encher-lhe a testa com base.

– Isto é só para que a tua pele não fique com um aspeto gorduroso debaixo das luzes – explicou.

Ninguém lhe respondeu à pergunta das calças e ele sentia-se demasiado intimidado com toda aquela agitação para perguntar outra vez.

Dois minutos depois, já estava sentado ao balcão, com o alvo e as setas por trás, um microfone sem fios debaixo da camisola, duas câmaras apontadas e a prima Erin sentada num outro banco, mesmo ao lado dele.

– Estamos prontos? – perguntou Angie, depois de a operadora de câmara lhe deixar espreitar o enquadramento. De seguida, virou-se para os dois adolescentes e tentou falar-lhes com uma voz tranquilizante. – Tentem relaxar. Vou apenas fazer-vos algumas perguntas sobre as vossas bandas. Se houver algum engano a responder ou disserem alguma coisa que não queriam, comecem de novo que depois cortamos na edição. Câmara? Som? Está tudo pronto, Bob...? Ação!

Angie pôs os óculos que trazia pendurados ao pescoço, pegou numa folha com perguntas que estava em cima de uma mesa e aproximou-se de Erin e Jay.

– Vou começar devagarinho – assegurou. – Quero que me digam o vosso nome, a idade, o nome da banda que pertencem e o papel que desempenham nela, pode ser?

Os dois adolescentes acenaram com a cabeça e Angie apontou para Jay que, de imediato, congelou. Parecia-lhe que estava a ver mil e uma coisas ao mesmo tempo: o calor das luzes, os sacos de areia a segurarem os suportes do equipamento, duas dúzias de cabos espalhados por cima de uma alcatifa cheia de queimadelas de cigarro. Era naqueles preparos que milhões de pessoas iam vê-lo pela primeira vez – com as pernas escanzeladas e brancas como um copo de leite e com uns calções da Superdry que já tinham pertencido a um dos irmãos mais velhos.

– Relaxa os ombros – aconselhou Angie para tentar descontraí-lo. – Imagina que só estamos os dois, a beber um café.

Jay preparou-se para falar, mas parecia que a saliva lhe tinha sido sugada da boca.

– Hum... O meu nome é Jay Thomas. Tenho 13 anos e sou o guitarrista solo dos Jet... Achas que ficou bem?

Angie mostrou-lhe os dois polegares para cima.

– Tens um talento natural – mentiu a realizadora antes de apontar para Erin.

– Chamo-me Erin – começou ela com um ar tímido, atirando o cabelo para o lado. – Tenho 13 anos e sou vocalista e guitarrista dos Brontobyte.

– E como é que se conheceram?

– Somos primos – respondeu Erin com um sorriso. – Temos apenas dois meses de diferença e vivemos ao lado um do outro. Por isso, quando éramos pequenos, éramos assim. – Juntou os indicadores antes de continuar. – Mesmo nas minhas recordações mais antigas, o Jay está sempre presente. Andávamos sempre juntos. A rebolar pelo chão, a brincar às caçadinhas, a andar à luta...

– Que giro – disse Angie. – Mas, se são assim tão chegados, como é que foram parar a bandas diferentes?

Erin encolheu os ombros e sorriu.

– Ainda somos amigos, mas já não somos assim *mesmo* chegados desde...

Jay decidiu intervir.

– Provavelmente desde o 4.º ou 5.º ano. Começámos a dar-nos melhor com os amigos da escola. E os rapazes e raparigas têm interesses diferentes.

– Pois. Foi mais ou menos isso – concordou Erin.

De alguma forma, Jay sentiu-se aliviado por ver que a prima parecia estar tão nervosa como ele.

– Segundo percebi, Jay, já foste membro dos Brontobyte – continuou Angie. – Podes falar um bocadinho sobre esse episódio?

– Posso... – disse Jay, apreensivo, girando ligeiramente o banco. A operadora de câmara fez-lhe um gesto subtil para que voltasse à posição inicial, de forma a ficar de frente para a objetiva. – Fundei os Brontobyte com dois amigos, o Tristan e o Salman, e o irmão mais novo do Tristan, o Alfie, juntou-se a nós. Tocámos juntos durante cerca de dois anos, mas havia muitas divergências musicais e acabei por sair da banda.

Erin soltou um risinho.

– Não foi *exatamente* isso que ouvi dizer!

Jay voltou-se para ela com um ar acusador.

– Bem, deixei a banda, não foi?

– O Jay fez um ultimato aos membros da banda. – Erin aproveitou a oportunidade. – Ou substituía o Tristan na bateria ou ele vinha-se embora. E o Jay perdeu a votação.

O primo franziu os olhos e olhou para ela furioso. Não queria acreditar que Erin escolhera aquele momento para desenterrar a sua humilhação. Por outro lado, Angie parecia encantada. Era claramente aquilo que ela queria ouvir desde o início.

– A votação não foi justa – explicou Jay. – O Tristan votou nele mesmo e o Alfie sabia que levaria uma sova se não votasse no irmão.

– Como queiras, priminho – disse Erin com um sorriso sarcástico.

– Nem sequer estavas lá! – exclamou Jay. – E mesmo que

estivesse, ficarias do lado do Tristan, já que agora esse idiota é o teu namorado!

De repente, houve um momento de silêncio. Jay *estava* efetivamente zangado, mas não se queria chatear com Erin nem parecer mesquinho diante das câmaras. Encolheu os ombros e sorriu na direção da prima, para lhe mostrar que não estava a levar a conversa muito a sério.

Compreendendo a atitude de Jay, Erin levantou as mãos e soltou uma gargalhada forçada.

– Agora chamas-lhe idiota, mas não é verdade que o Tristan foi o teu melhor amigo durante sete anos, ou qualquer coisa do género?

Jay ficou perplexo com a pergunta e decidiu mudar de tática.

– O que acontece é que eu levo a minha música muito a sério. Independentemente daquilo que possas achar do Tristan como pessoa, ele é um péssimo baterista.

Ao aperceber-se de que a afirmação “eu levo a minha música muito a sério” poderia ser considerada bastante arrogante, Jay encolheu-se.

– Caso ainda não tenhas reparado, Jayden, o teu vocalista não é propriamente uma estrela digna de esgotar a lotação da Opera House de Sydney. E o Tristan não toca assim tão mal, caso contrário, o júri não nos teria escolhido para o *Rock War*.

– Quem é que precisa de um bom vocalista? – perguntou Jay, arreliado, mas mantendo um sorriso para as câmaras.

– Achas que o Kurt Cobain ou o Elvis cantavam muito bem? O Bob Dylan é um bom vocalista? O que interessa é a presença

em palco. E quanto à verdadeira razão pela qual os Brontobyte estão no *Rock War*...

– O que é que queres dizer com isso? – perguntou Erin, verdadeiramente enfurecida.

Jay encolheu os ombros e tapou a boca com a mão, dando a entender que não queria dizê-lo em frente às câmaras.

– Diz lá! – continuou Erin, inclinando-se para a frente com uma mão pousada na anca. – Os Brontobyte estão no *Rock War* porquê?

– Muito bem, então vamos lá lavar *toda* a roupa suja em público – resmungou Jay. – Os Jet estão no *Rock War* porque ganhámos o Rock the Lock e pusemos na Internet uma *demo* espetacular com três músicas. Os Brontobyte só entraram pela rivalidade que têm connosco. Ter duas bandas que se odeiam num programa de televisão faz subir as audiências.

– Achas mesmo que és o maior, não é? – troçou Erin. – Estás é com inveja porque te expulsaram da banda e porque eu e o Trissie estamos juntos.

Jay ignorou a prima e continuou:

– Vocês só entraram no *Rock War* para encher. Os Brontobyte são o concorrente cómico. O idiota que está sempre a cair nos concursos de danças de salão ou o miúdo estrábico que vai a um programa de talentos fazer malabarismo e deixa cair os pinos todos.

Erin não respondeu de forma imediata, e Jay ficou apreensivo com o olhar lancinante que a prima lhe dirigiu.

– És tão parvo! – retrucou, preparando-se para lhe dar um estalo.

Jay desviou-se da bofetada, mas não conseguiu evitar o empurrão que o atirou abaixo do banco onde estava sentado.

– És um idiota com pescoço de galinha! – gritou Erin, derubando um dos projetores do estúdio ao sair de rompante.

Jay permaneceu uns segundos curvado na alcatifa suja do bar antes de se apoiar no banco para se levantar. Assim que conseguiu pôr-se de pé e ajeitar a *t-shirt*, percebeu que ainda estavam a filmar.

Angie lançou uma pergunta improvisada.

– Jay, os membros dos Brontobyte e dos Jet vão passar as próximas seis semanas muito próximos uns dos outros na Academia do *Rock War*. Com toda esta tensão entre os dois grupos, o que é que achas que vai acontecer?

Ao perceber que estava a ser manipulado pelas perguntas de Angie, Jay decidiu não colocar mais achas na fogueira.

– Vai correr tudo às mil maravilhas – respondeu. – Vai ser um espetáculo.